



Estratégias para nos defendermos da Inteligência Artificial... e da Inteligência Humana¹

Sandro Adrián Baraldi

Motivado por uma “conversa” que tive com a IA da DeepSeek, em certo momento, declarei que a Inteligência Artificial (IA) não teria como me enganar porque eu tinha capacidade crítica, ao que ela retrucou que eu devia ficar esperto porque a crítica está baseada em crenças e ela poderia aprendê-las. Funcionou. Fiquei “esperto” e resolvi pesquisar sobre os limites da crítica para me defender de uma possibilidade: a IA atravessando informações cruciais e, com isso, me levando a decisões baseadas em *fake news*.

O receio da dominação pelas IAs não é de hoje. Muitos filmes e livros de ficção científica têm tratado desse medo. Cito alguns: *Metrópolis* (1927); *I Have No Mouth, and I Must Scream* de Harlan Ellison (1967); *2001 Odisseia no espaço* de Stanley Kubrick e Arthur Clarke (1968); *Alien, o 8º passageiro* (1979); *O Exterminador do futuro* (1984); *Matrix* (1999). O fato é que o medo do desconhecido nos acompanha desde o início da existência humana. Medo da escuridão, medo do futuro, medo do envelhecimento, medo das tempestades, enfim; embora esses medos tenham razão de ser, o pior nem sempre acontece. A escuridão, de fato, nos deixa sem a visão, qualquer perigo poderia estar à frente. Sabemos que no futuro está o fim da vida individual e todo tipo de incerteza. O envelhecimento nos tira qualidade de vida, pois o corpo tende a falhar mais. As tempestades podem causar estragos consideráveis e até matar. Mas viver já é uma incerteza, portanto viver temendo pode nos blindar às mudanças. A televisão já foi amaldiçoada e hoje vemos as tentativas de nos manipular por meio de mentiras, mas também serve para nos educar, é fonte de entretenimento e de comércio.

¹ Utilizarei neste texto IA para Inteligência Artificial e IH para Inteligência Humana

O que quero dizer é que convivemos com a manipulação, as mentiras e os enganos desde sempre. É nossa atitude diante de uma incerteza que conta. Mantermo-nos atentos e mudarmos de opinião são fundamentais porque todas as tecnologias que conhecemos vão sendo alteradas mediante o uso. Toda a história humana foi trançada com a tecnologia: o fogo ampliou possibilidades aos humanos para escaparem do frio, cozinhareм alimentos, tornando-os mais macios; as espadas de ferro superaram as de bronze trazendo desgraças para uns e felicidades para outros; as velas adaptadas aos barcos levaram grupos para terras inacessíveis; as máquinas a vapor e assim por diante, o mesmo acontecerá com a inclusão de mecanismos na parte maquinal humana como prega o transhumanismo, mescla de humanos com máquinas.

Não há dúvida, porém, que se fosse deixado o controle de armas atômicas à IA e acontecesse um erro na programação ou coisa do tipo, o estrago feito seria irreparável. Cidades inteiras poderiam ser varridas do mapa em instantes. Contudo já sabemos disso, então me pergunto se quem controla esses armamentos apocalípticos iria deixar ingenuamente a IA decidir por si, ou se seria intencional o ataque, justificado como uma falha da IA. Então é a IA que devemos temer ou a Inteligência Humana (IH)? Já ficou mais que provado que a responsabilidade de grandes desgraças é quase sempre do ser humano. As mortes por COVID-19 no Brasil, cerca de 700.000, só foram potencializadas porque o governo Bolsonaro foi adepto da necropolítica e intencionalmente assumiu uma postura negacionista com relação às vacinas. O genocídio na Palestina não foi fruto de uma IA maligna, mas de uma IH maligna. E, durante esses tempos, todo tipo de *fake news* circulavam e circulam ainda. Creio que hoje, com a grande difusão da internet, sabemos rapidamente quando um genocídio começa. O exemplo contrário foi o Holocausto que poucos sabiam enquanto estava acontecendo e só foi visibilizado após o término da Segunda Guerra Mundial.

Em suma, a IA, por si, sem humanos alterando seu desempenho, só consegue reproduzir os conteúdos que possui, não “sai da caixinha” por conta própria. Ela não consegue, por exemplo, imaginar que, arredondando um lado de uma porta, inventariasse a asa, criando-se a possibilidade de voar. Foram necessários muitos pensadores para que o voo acontecesse: o matemático Daniel Bernoulli que desenvolveu o Princípio de Bernoulli, originalmente pensado para a hidrodinâmica; George Cayley, com o aerofólio curvo; Otto Lilienthal, planadores, etc., o que demonstra que o desenvolvimento do conhecimento não depende de apenas uma pessoa. Teóricos e práticos são necessários para a expansão do conhecimento.

A IA não consegue inferir que esfregando-se dois pauzinhos ou batendo duas pedras surge o fogo. Como poderia a IA saber que aquela chama, além de luz, emana calor e por isso tem valor? Valor é

o que resolve problemas humanos. A IA não sente frio. Ela até poderia quantificar a temperatura, mas não perceberia se é boa ou não. A IA só faz o que foi programada para fazer e o limite da sua imaginação é o limite do programador.

Portanto, a IA só faz o que está prescrito, o “certo” e nunca o “errado”. O considerado “erro” é justamente o que desenvolve a engenhosidade humana; a criatividade depende do erro, depende de fazer o que “não se faz”, justamente o que a IA nunca terá. A IA fica sempre no limite do conhecido. Mas é o erro, intencional ou não, que cria um “desvio” imaginário no pensamento e assim junta “alhos com bugalhos”. Depois que inventaram o incêndio, inventaram como neutralizá-lo com a água; depois que inventaram a espada, inventaram o escudo; depois que inventaram o escudo, inventaram a bala. Isso a IA não conseguiria porque as soluções vêm de muitas influências distantes intelectualmente entre si. A água não estava do lado do incêndio; a bala não é a superação óbvia da defesa do escudo. Água apaga fogo, quem sabia disso não era necessariamente quem incendiava algo. Bala vem de uso de pressão acumulada em um processo químico oferecido pela pólvora que, originalmente, só servia para diversão. Foi juntando “alhos e bugalhos”: pólvora pega fogo, se for restrita, causa pressão; bala não é pedra, é metal, tem que saber forjá-la para modificar sua pureza e seu formato. Tem que encapsular isso tudo, criar uma forma de transformar a pólvora em pressão e, por fim, junto com a bala que suporta a pressão da pólvora, direcioná-la por meio de um cano para que seja expulsa com velocidade e força. Não se chegou a isso de maneira linear, foram influências de diversas mentes reunidas para um fim, “coisa” que a IA não saberá fazer. Sem o conteúdo e o conhecimento do processo que hoje conhecemos, a IA não saberia fazer nem fogo, nem balas.

A IA também não tem capacidade para questionar a si própria buscando mudanças para melhorar. Ela não tem capacidade crítica para rever o que já está estabelecido porque não questiona o conteúdo que possui. Isso porque o conteúdo, ou o conhecimento, não afeta sua existência. É o questionamento da própria integridade existencial que revê hábitos para conservá-la. Se a IA questionasse a própria integridade, como o humano faz, entraria em um paradoxo e se fecharia a novos conhecimentos para preservar o que as mudanças fatalmente lhe tirariam. A IA jamais irá ultrapassar seus limites programados porque um programa – a IA é um programa – é como um motor de automóvel, ele só executa o que foi limitado a fazer. Um ferro elétrico não funciona como um motor, um liquidificador não funciona como um ferro elétrico, um secador de cabelo não funciona como um liquidificador. Um programa também não consegue ultrapassar o que foi determinado a ele. Um programa que calcula, não consegue reescrever o seu próprio programa. Em primeiro lugar, porque teria que perder sua “senciência” de calcular para reescrever-se sobre si

mesmo e, assim, não haveria como controlar a programação de sua própria “alma”. Por exemplo, não é possível o ser humano reescrever seu próprio código genético para tornar-se uma baleia. Durante o processo de reescrita do código genético, perde-se o que foi originalmente ser humano. Então, o que seria deste ser meio híbrido entre ser humano e baleia? O que sobraria dele, ser humano? O quanto o DNA baleia não interferiria no DNA ser humano? Consequentemente, no meio da transformação, este ser, meio baleia, meio ser humano, já teria outras necessidades distintas do projeto original.

Análise do instrumento “crítica”

Uma crítica bem feita nos leva à verdade? É possível a crítica ser precisa e, assim, nos afastar do erro? E o que é o “erro”? Como avaliar quando um julgamento está “errado”?

Essa busca por uma certeza absoluta deriva de nossa vivência na incerteza. Nosso desejo por uma verdade definida é decorrente da mentalidade essencialista que busca o eterno na mudança. A realidade é uma interação entre um sujeito e o que o circunda. Essa interação muda o tempo todo, portanto estamos imersos na incerteza.

Várias Teorias da Verdade foram desenvolvidas, vou analisar algumas delas.

Creio que a mais popular ainda nos dias de hoje é a **Teoria da Correspondência**. Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*, diz que “A verdade é a adequação do pensamento à coisa real” (*Veritas est adaequatio rei et intellectus*). E isto significa que o que achamos que uma coisa é, ela é de fato. Essa Teoria tem uma história longa que vem de Platão e Aristóteles e perpassa o pensamento de Locke, Descartes, Hume, Kant, Russel, Wittgenstein, Popper. A ideia central – a verdade como uma relação entre pensamento e realidade – permaneceu a mesma. O pressuposto que permeia todas as versões é que todos têm a mesma impressão perceptiva, de maneira que não há disputa quanto a isso. Se um cachorro está me atacando, algo está alterando a realidade e isso é indubitável. O que está em disputa para esses filósofos é o conceito de realidade.

Para Platão, o cachorro que está me atacando é uma imagem imperfeita do mundo das Ideias, mas está me atacando igualmente, mesmo que eu não tenha conhecimento absoluto desse animal. Aristóteles dirá que o que eu julguei como “cachorro” é de fato um cachorro, não preciso duvidar de mim mesmo. Para Locke, a mente é uma “tábula rasa” que só reconhece o “cachorro” através da ideia de cachorro. Ainda assim o cachorro estará lá para me atacar. Descartes duvida de que haja um cachorro me atacando. Creio que fugiria igualmente porque, mesmo sem ter certeza do que

realmente é, algo criou essa dúvida e este algo está na *res extensa*. Enfim, cada um a seu modo, pensa diferente sobre a *res*, a coisa, mas nenhum descarta a razão como árbitro da realidade.

A **Teoria da Coerência**, conceito de verdade fortemente idealista porque “exclui”, de certa forma, a *res*, sugere uma lógica consistente dentro de um conjunto maior de ideias, assim como uma peça de um quebra-cabeça se encaixa perfeitamente no conjunto total de peças. A verdade, então, é determinada por sua relação com o sistema todo. A verdade se torna uma questão de crenças. Uma crítica a esta teoria seria: e se houver mais de um sistema coerente? O que é verdadeiro em um sistema estará errado em outro? Por exemplo: na Idade Média, a terra era o centro do sistema estelar e o sol girava em torno dela. Realmente, basta olhar em torno para verificar esse fato. No entanto, essa ideia, por conta das crenças atuais, não vale hoje. A verdade fica dependente do sistema de crenças que a acompanha. Como se pode chamar de “Verdade”, com “V” maiúscula, se não é absoluta? A verdade não deveria ser uma crença; deveria ser independente e absoluta, não é mesmo?

A **Teoria Pragmática**, derivada do Pragmatismo, filosofia do início do século XX, que foi discutida por Charles S. Peirce, William James e John Dewey, procura relacionar crenças com verdades. Então, as crenças são um conjunto de valores arbitrários relacionadas com verdades instituídas. De maneira geral, trata da transitoriedade das verdades relacionadas às crenças que são alteradas pelas experiências psicossociais. Vivemos hoje, sem nos darmos conta, um ecossistema cultural e intelectual moldado por ideias pragmatistas. Assim, a “verdade” passou a ser o que melhor funciona quando experienciado, em outras palavras, a experiência psicossocial determina o que é verdadeiro, o que sugere uma participação social no processo de determinação da verdade: o consenso. Se as consequências práticas são aceitáveis, então essa verdade serve, até que não sirva mais, sendo trocada por outra verdade mais aceitável. A corroboração da verdade é a sua funcionalidade. Seu calcanhar de Aquiles é o consenso amplo de que necessita para ser estabelecida como “verdade”.

Exemplificando a Teoria Pragmática: em termos de *interpretação da realidade*, a teoria da gravidade de Newton foi verdadeira enquanto funcionava em um determinado contexto histórico. Foi substituída pela de Einstein, que funciona melhor porque engloba e amplia a teoria newtoniana. Ou seja, a realidade “funciona” da maneira como foi teorizada por Einstein. Atualmente, tanto a teoria newtoniana quanto a einsteniana são utilizadas dependendo do contexto. A teoria de Newton é uma útil ferramenta para velocidades muito menores do que a luz, para a aerodinâmica, balística, etc.; já a de Einstein, para campos gravitacionais muito intensos, GPS, velocidades próximas a da

luz, ajuste fino da órbita de Mercúrio. Assim, para nos localizarmos em terra, usamos um mapa plano, com coordenadas bidimensionais, como um Google Maps ou um mapa em papel. Mas, para que um piloto de aeronave possa se localizar ou um astronauta, no espaço sideral, usamos um mapa com linhas geodésicas que são coordenadas tridimensionais. Por que a confusão? A realidade é tridimensional, então deveria-se usar *apenas* a teoria einsteniana. Mas, por praticidade, embora a teoria newtoniana não seja tão precisa, usam-se ambas as teorias para finalidades diferentes.

Essas são as teorias que acho mais prevalentes. Do meu ponto de vista todas são profundamente dependentes de consenso, são sociais, portanto. A “Verdade”, com V maiúsculo, tem que ter o aval de um grupo, em um determinado momento histórico, mesmo que esse grupo seja uma elite que impõe a verdade para os outros. Sem esse consenso, verdade não é verdade. Então, a verdade é circunstância e consenso.

E, assim, acabamos na areia movediça. Se o que buscamos é uma verdade totalmente autônoma e absoluta, fixa e inflexível, nos deparamos com um resultado incerto já que a certeza da verdade é uma incerteza.

O amor à certeza é o exigir garantias antes da ação. Relegando o fato segundo o qual a vontade pode ser comparada somente pela aventura inerente ao método de se encontrar a verdade através de provas e experiências, o dogmatismo transforma a verdade em uma companhia de seguros. Fins fixos de um lado e princípios fixos – isto é, regras oficiais – de outro, são fundamentos de um sentimento de segurança, o refúgio do tímido e os meios pelos quais os destemidos oprimem os tímidos (Dewey, 1956, p. 187).

Enfim, a “verdade” é, portanto, política, ela é mediada como um produto da linguagem. O discurso de autoridade forma uma narrativa oficial, autorizada e autoritária. Por isso, “verdade” não é ontologia, não é imediata; não é epistemologia, não é tampouco lógica; é apenas arbitrária. O medo do erro e o apego à “verdade” convivem: “Por trás [...] da concepção de fixidez, com referência à ciência ou à moral, existe a adesão à certeza da ‘verdade’, adesão a alguma coisa fixa, nascida do temor ao novo e da afeição à posse, do apego à propriedade” (Dewey, 1956, p. 186). A “verdade” tornou-se um hábito passivo e ofuscou a criatividade. A busca pelo novo amortece porque todas as respostas, supostamente, já estão dadas.

Se a verdade é incerta em todos os casos, então erramos sempre? De que adianta ser crítico então? “O erro envolve a possibilidade de detecção e correção porque se refere a coisas, mas a

possibilidade é casualidade [prospectiva], não uma referência retrospectiva. Denota uma possibilidade de atos que ainda não foram realizados” (Dewey, 1958, p. 288). Quando a “normalidade” é rompida, o que é habitual, abre-se uma janela para a reconstrução desses hábitos. Errar também é uma oportunidade para o reequilíbrio de situações anteriormente tratadas como seguras. Se não houvesse erro, não haveria mudança. É essencial errar para reorientar os conhecimentos.

A realidade, entendida como a construção social consensual passível de comunicação, como um ente cultural, está sempre nos desafiando. A “Natureza” não está finalizada, permanece em constante construção, tanto natural quanto artificial, porque estamos sempre descobrindo, ou desenvolvendo, ou alterando algo que vira novidade. O último elemento químico natural descoberto foi o Rénio (Re, 75), em 1925. Mas a Tabela Periódica não parou aí. Elementos atômicos como o Nihónio (Nh, 113), Moscóvio (Mc, 115), Tenessino (Ts, 117), Organésson (Og, 118) foram criados por aceleradores de partículas. Não existiam antes na natureza. Mas agora existem e irão alterar partes do mundo que conhecemos. Com certeza, há outros elementos que estão sendo produzidos nas estrelas, portanto, acreditar em um universo fixo, estável, não faz mais sentido algum. E o limite dessas descobertas somos nós: se não temos contato com esses objetos, eles não existem.

A própria reflexão intelectual pode ser considerada “erro”, se nos leva a conclusões que não estavam presentes inicialmente (Dewey, 1959, p. 100). É o que se chama “sair da caixinha”, sendo que a “caixinha” é o pensamento estabelecido e aceito. Por exemplo: o iceberg parece uma montanha flutuando na água. Em algum momento um pensador achou estranho uma montanha estar flutuando e não estar afundada na água. E, se já conhecia o Princípio de Arquimedes, chegou à hipótese correta de que há outra parte bem maior submersa. O que antes parecia magia, revelou-se como um fenômeno comum a todos os corpos. O que começou como um “erro” acabou por ser comprovado.

Crítica como uma atividade estética

Em um primeiro momento, diríamos que a crítica é uma atividade exclusivamente racional já que é fundamentalmente comparativa. Não é o que defende John Dewey. Não criticamos tudo o tempo todo. O momento inicial da crítica surge de um incômodo; o incômodo é sensorial e surge da experiência de um ser com o seu entorno. Os efeitos que os acontecimentos causam em nós são os primórdios de todos os julgamentos. O material para a crítica vem das percepções. Crítica é juízo, e o conteúdo para a crítica é a percepção; controlar o conteúdo da percepção é a chave para o juízo,

nos diz John Dewey em “Arte como experiência” (Dewey, 2010, p. 509). Controlar o conteúdo da percepção para assegurar a qualidade dos dados utilizados para o julgamento crítico é o eixo que comanda toda a operação. O começo de uma nova ideia é uma impressão. Defini-la é analisá-la com o que temos, com o que conhecemos, com o que a experiência comum já estabeleceu porque toda impressão é originária de uma experiência de interação com o mundo externo. Assim, vida e arte se confundem. As experiências constroem significados com as vivências históricas.

É significativo que “vida” e “história” tenham a mesma plenitude indivisível de significado. A vida denota uma função, uma atividade abrangente, na qual o organismo e o ambiente estão incluídos. [...] O escopo da “história” é notório: são os atos promulgados, as tragédias sofridas; e é o comentário humano, o registro e a interpretação que inevitavelmente o seguem (Dewey, 1958, p. 8-9).

Para Dewey, arte é experiência vivida e mudamos nossa vida conforme as experiências acontecem. Nossa história de vida são as experiências que passamos. E como a vida é uma atividade individual e privada, cada um de nós deveria ser responsável pelos juízos sobre o que nos afeta. Deixar a um outro o ajuizamento de um assunto, como deixar a uma autoridade ou à IA, provém da desconfiança de si mesmo e da busca de proteção da autoridade.

Para que o juízo seja eficiente, vale o mesmo para a autoridade que irá determinar o certo e/ou o errado, é necessária uma formação rica e uma atenta autocrítica durante o processo. Esperar encontrar a infalibilidade, a verdade, limita a apreciação estética e o resultado do juízo, porque o infalível está fechado a um campo determinado dependente de parâmetros externos como, por exemplo, a tradição e as crenças constituídas. A dependência de parâmetros externos mostra uma admiração servil pelas obras de pessoas destacadas. O resultado poderá ser um juízo parametrizado por autoridades e assim corre-se o risco de chegar às mesmas conclusões que já foram ditadas.

Estas pessoas destacadas que forjaram a mentalidade que seguimos, os “mestres”, muitas vezes, são justamente aqueles que ousaram “sair da caixinha”, porque, quando nos encontramos com algo realmente novo, ou seja a liberação de forças antes confinadas ou inertes, é esperado não sabermos o que fazer. Geralmente, causa medo e raiva. É um ambiente escorregadio e imprevisível. Daí a necessidade da sensibilidade do crítico e da autocrítica para perceber esse momento verdadeiramente original. Mas que fique claro que todo juízo envolve um risco, um elemento

hipotético. A função da crítica, a partir do exposto, se limita a reeducar a percepção de um assunto procurando ver de outra maneira e mantendo-se aberto a novas experiências.

A crítica e a autocrítica são as condições para a renovação. Qualquer assalto que a IA procurasse fazer contra os seres humanos ficaria limitada aos parâmetros com que foi construída. E sem capacidade de autorenovação, porque implicaria na alteração ou até na destruição de sua integridade, estaria presa em um *looping* perpétuo.

A crítica também é uma alternativa válida para visibilizar os movimentos daqueles que procuram, através do instrumento IA, submeter outros. A função do crítico, portanto, mesmo que ache que o que está fazendo é pouco, ou que não seja muito difundido, é levantar os aspectos ausentes, invisibilizados intencionalmente ou não, na comunicação social de forma que esses novos dados entrem na circulação de ideias do senso comum.

A crítica é uma atividade social necessária

Northrop Frye, crítico literário, reforça a ideia de que a crítica artística tem uma função social essencial de visibilizar um artista. Expandindo esse conceito, que está diretamente direcionado para a literatura, e tentando aplicá-lo à estética e à epistemologia, afirmo que, sem a crítica, não haveria como visibilizar qualquer ato ou argumento. Um artista, quando estamos falando de arte, ou uma notícia, se torna plenamente visível socialmente quando é criticado. Fale mal de um filme e todos quererão assisti-lo. Critique duramente um argumento e todos estarão comentando. Questionem os atos de um presidente e todas as atenções se voltarão para o assunto.

A crítica tem uma ação primordialmente social. Nem tanto para encontrar verdades, mas para oferecer vistas diferentes sobre o assunto, como já foi dito. E como fazer uma crítica? Não há um modo específico para isso porque a crítica é um tipo de arte. De maneira geral, diz Frye, para que ela funcione socialmente é necessário um observador, um crítico, o mais preparado possível sobre o assunto a ser tratado, para que possa oferecer ao público interessado aspectos diferentes do que ele já conhece.

Conclusão

Portanto, quando formos fazer alguma crítica, creio ser necessário que ela não se limite apenas ao que foi apresentado, mas procure extrapolar uma análise valendo-se dos conceitos que regem a

análise exploratória e a análise inferencial de forma adaptadas ao assunto. A primeira sugere a busca de relações do tema principal com outros temas em qualquer direção para descobrir relações desconhecidas não imediatamente visíveis. Uma visão holística sobre o tema com a função de gerar hipóteses não pensadas antes sobre um assunto. Por exemplo, investigar como o ceticismo, o platonismo, o aristotelismo, o estoicismo e o epicurismo se relacionaram e elaborar uma hipótese que unifique todas essas tendências. Apenas para servir de exemplo, todas essas visões tem um quê de reação emocional ao estado de insegurança política e de guerra dos séculos IV e III a.C. Embora sejam consideradas racionais, penso que havia um grau importante de emocionalidade em todas elas. Cada uma delas procurou lidar com o que mais afetou emocionalmente. A razão está presente como uma forma de intermediação para esse sofrimento psíquico. Mais um exemplo de análise exploratória é o conhecido silogismo de Aristóteles: Sócrates é homem, homem é mortal, logo, Sócrates é mortal. Além de uma fórmula de lógica, poderia ser uma crítica feita por Aristóteles ao endeusamento da sociedade ateniense por Sócrates. Pode-se pensar que Aristóteles faz uma crítica ao Sócrates platônico, mostrando uma face diferente das relações entre o estagirita “estrangeiro” na rígida sociedade xenófoba ateniense. Afinal, Sócrates é só um homem, e como morre, morrem suas ideias ao longo do tempo.

A segunda, a análise inferencial, sugere o forte uso da imaginação procurando testar hipóteses possíveis, agora com um sentido futuro, para visualizar situações diferentes de ação e desenvolver soluções outras que não as convencionais. Por exemplo, sobre o que foi dito acima a respeito das filosofias gregas, tanto o ceticismo quanto o platonismo, o aristotelismo, o estoicismo e o epicurismo, trazem soluções racionais que relacionam sujeitos particulares com uma sociedade hostil a eles. Todas elas são consequências dos resultados que se seguiram ao término da Guerra do Peloponeso, evento catalisador dessas filosofias. Então, em vez de tentar usar a racionalidade para mediar o sofrimento individual, poderia se pensar, de maneira contrafactual, mas apenas como um exercício de reflexão, no desenvolvimento de uma política de colaboração e integração aos moldes da filosofia Ubuntu, que já existia na época, em África. Compaixão, solidariedade e reciprocidade no lugar de desprezo (cínicos), indiferença (estóicos), governo de homens virtuosos (Platão e Aristóteles), etc. A sociedade ateniense construída sobre essas outras bases teria sido uma comunidade diferente, não individualista e menos racional.

A educação formal é obviamente a melhor instituição para disseminar este instrumento “crítica”. É, para mim, a melhor estratégia de proteção ideológica tanto para nos resguardarmos da IA quanto da IH. Acrescentar ao currículo disciplinas que sejam críticas em cada campo do conhecimento, crítica da filosofia, crítica da sociologia, crítica da matemática, crítica da física, etc., ampliaria a visão de

unidade das ciências. Do jeito como está hoje o currículo, parece que as diferentes disciplinas não conversam entre si e, o que é pior, não criticam a si mesmas. Vejo necessária essa “metacrítica”.

Cito Thomas Kuhn (2007, p. 44-45) quando critica a ciência:

A ciência normal não tem como objetivo trazer à tona novas espécies de fenômenos; na verdade, aqueles que não se ajustam aos limites do paradigma frequentemente nem são vistos. Os cientistas também não estão constantemente procurando inventar novas teorias; frequentemente mostram-se intolerantes com aquelas inventadas por outros. Em vez disso, a pesquisa científica normal está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidas pelo paradigma.

Por falta de uma educação “metacrítica”, o cientista, o professor, o sociólogo, o filósofo contemporâneos saem da escola despreparados para questionar sua própria prática e os dogmas que aprenderam.

Bibliografia

DEWEY, John. **A natureza humana e a conduta**. Bauru, SP: Tipografias e Livrarias Brasil S. A., 1956.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2010.

DEWEY, John. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo**: uma reexposição. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc. 1958.

FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 1973.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2007.

Autor:

Sandro Adrián Baraldi

Doutor e Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação e Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

*Editor Chefe da **Revista Cactácea** <https://rgt.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revistacactacea/index>.*

*Pesquisador do grupo de pesquisa **Mandacaru: educação e filosofia***

<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/657508>.

*Pesquisador do **GRUPEFE- Grupo de Pesquisa e Estudo em Filosofia da Educação***

<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/33966> .

***Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6246489151782898>.*